

O USO DOS CLASSIFICADORES DA LIBRAS NO ENSINO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Daniella Renally Bezerra Régis – UEPB

danirenally@gmail.com

Erivágna Rodrigues de Moraes

vagnarmorais@hotmail.com

Renata Lima Machado da Silva

renatalmsilva@gmail.com

Prof. Esp. Nehemias Nasaré Lourenço (orientador) – UEPB

prof.nemo@hotmail.com

Resumo

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conhecida, sobretudo pela comunidade ouvinte que trabalha na área da surdez, teve como genitora a Língua de Sinais Francesa. A LIBRAS apresenta variações linguísticas não conhecidas por grande parte dos que usam, deixando uma margem de erros, por exemplo, quanto à sua compreensão. A língua de sinais é necessária para o aprendizado de conteúdos escolares em todo o período de desenvolvimento e formação do indivíduo surdo, sobretudo da Biologia, ciência capaz de explicar desde o surgimento da vida de um organismo unicelular. Nem sempre os assuntos ministrados atraem a atenção do aluno, este acaba por não se importar em buscar o conhecimento. Essa falta de interesse dificulta não só na hora de tirar dúvidas em meio à aula, como também, na aprendizagem. Analisar (reconhecer) a importância da LIBRAS no processo de ensino- aprendizagem de surdos, sobretudo no ensino de Ciências Biológicas é visto como sendo de grande importância. Devem ser desenvolvidas formas de se repensar o ensino das Ciências Biológicas para alunos com deficiência auditiva, havendo interação e resultados positivos na compreensão dos conteúdos, deixando-os capazes de formar seus próprios conceitos e conscientes do que foi transmitido na aula. Para tanto, os tradutores e intérpretes de Libras, a fim de tornar o assunto ministrado mais compreensível, fazem uso dos classificadores. Os classificadores são expressões da forma de um objeto, alguém ou alguma coisa. São representados em formas de configuração das mãos, que mostra ou descreve uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto.

Palavras-chaves: Libras. Ensino de Biologia. Surdo. Classificadores.

Abstract

The Brazilian Sign Language (Libras), known mainly by the hearing community working in the field of deafness, had its origin onto the French Sign Language. The Libras presents linguistic variations not known by most who use it, leaving a margin of error, for example, as to their understanding. Sign language is necessary for the learning of school subjects throughout the period of development and training of the deaf individual, especially biology, science that can explain the emergence of life from a single-celled organism. Not always taught subjects attract the student's attention, this turns out not bothering to seek knowledge. This lack of interest hinders not only the time to ask questions through the classroom, but also in learning. Analyze (recognize) the importance of Libras in the teaching-learning process of the deaf, especially in the teaching of biological sciences is seen as being of great importance. Ways of rethinking the teaching of biological sciences for students with hearing impairment, with positive results in the interaction and understanding of the contents, leaving them able to form their own concepts and aware of what was broadcast in the classroom should be developed. To do so, translators and interpreters pounds in order to make the subject more understandable taught, make use of classifiers. The classifiers are expressions of the form of an object, someone or something. Forms are represented in the configuration of the hands, that shows or describes a person, an animal or even an object.

Keywords: Libras. Biology teaching. Deaf. Classifiers.

Introdução

Se toda linguagem oral desenvolvida pelos seres humanos para a comunicação, logicamente, diferem quanto à pronúncia das palavras e seus respectivos significados, a forma de comunicação por meio de sinais não poderia ser diferente.

Diferente da língua oral, a Libras é especificamente a língua de sinais brasileira. Originária da França e datada a partir do século XVI, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), se define como sendo de modalidade gestual-visual, utilizando-se de movimentos gestuais e expressões faciais, na qual o indivíduo surdo percebe o contexto do mundo à sua volta através da visão. Antes de iniciarmos nossas considerações quanto ao ensino de Ciências para um público específico, é necessário elencar a importância do saber biológico-científico do sujeito surdo.

Segundo Brasil (1997), a escola tem o dever de receber alunos com necessidades especiais, de modo a promover um ensino que integre as possibilidades e condições dos discentes, alcançando o aprendizado, não apenas na educação básica, senão também nas universidades.

Sabemos que a língua de sinais é necessária para o aprendizado de conteúdos escolares em todo o período de desenvolvimento e formação do indivíduo surdo, sobretudo da Biologia - ciência capaz de explicar os primórdios do surgimento da vida de um organismo unicelular.

O ensino nas escolas regulares e inclusivas é dado especialmente na modalidade oral, visto que a maioria dos estudantes é composta por alunos ouvintes. Contudo, mesmo que haja diferença entre a língua de sinais e a língua oral, ambas convergem de certa forma, ao mesmo ponto: o ensino de Ciências Biológicas; visto que ambas as línguas possuem sua própria gramática e simbologia convencional como sistema de regras para utilização e formação das mesmas, além de sua organização nas estruturas de frases e discursos.

Ainda que a Libras seja uma língua que possua regionalismos, ela apresenta a mesma sintaxe, ou seja, embora que o regionalismo seja parte integrante na linguística da Libras, ela sofre menos modificações gramaticais que as línguas orais, como por exemplo, a conjugação verbal para o pronome pessoal tu: enquanto que no Sul e Sudeste do país a conjugação de verbos neste pronome seja gramaticalmente correta, ela não o é no Nordeste, pois aqui conjuga-se o verbo na terceira pessoa do singular empregando-se o pronome tu, por exemplo, “tu vai” e não “tu vais”.

Ainda no tocante à língua de sinais, podemos dizer que ela é uma língua universal, mas vale salientar que os gestos diferem entre os países, ou seja, considera-se que as línguas de sinais sejam universais porque cada país terá a sua, mas cada uma será diferente da outra, tornando-a única (QUADROS, 2004), como por exemplo, na língua de sinais americana (ASL) a palavra “where” (onde) é constituída com o movimento do indicador de um lado para o outro; na Libras, esse sinal significa “não”.

Os sinais variam de acordo com a comunidade surda que a usa. O mesmo grupo de surdos pode manter um “sistema” de conversação peculiar, sendo desconhecido por outros surdos ou ouvintes que atentem para a LIBRAS, tal como a questão do regionalismo.

Diferentemente das línguas orais, os parâmetros da LIBRAS basicamente se dividem em morfologia e fonologia. A morfologia trabalha a combinação dos sinais, de modo que estes façam sentido em uma frase, a relação entre os sinais. A fonologia, por sua vez, trabalha a formação de sinais com as mãos com um determinado formato específico, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo.

As expressões faciais e movimentos corporais também contam na marcação das sentenças interrogativas, exclamativas, para repassar ao surdo a emoção da ideia que está sendo transmitida na conversação.

Ainda no tocante a LIBRAS, podemos asseverar que ela apresenta muitas variações que ainda não são conhecidas por grande parte dos que a usam, deixando uma margem de erros quanto à sua compreensão; “pensar que se tem o mesmo padrão de sinais e gestos para todas as comunidades surdas”, ou ainda que “o ‘dialeto dos surdos’ é incapaz de expressar as

mesmas emoções e conceitos utilizados na linguagem verbal-oral, com um nível inferior e superficial”. Há ainda quem pense que “Essa linguagem derivou de gestos espontâneos de ouvintes”. Todos esses conhecimentos erráticos contribuem para que haja um distanciamento de pessoas surdas na aprendizagem e inclusão social, fazendo com que muitos criem seu “próprio mundo”, isolado do meio ouvinte.

O conhecimento da Libras, portanto, é favorável para que haja interação entre professor/alunos, além de proporcionar meios de melhoramento na forma de transmissão dos conteúdos. Nas escolas e até mesmo nas universidades, o sistema inclusivo, principalmente no público, ainda se faz ineficaz e deficiente quando se trata do trato do corpo docente para o ensino de alunos com deficiência auditiva.

Não obstante, quando o tema é inclusão voltada para a educação, diversas vertentes se fazem presente, principalmente na atualidade, onde cada vez mais as portas se abrem para todas as pessoas que querem começar ou prosseguir com os estudos. As facilidades surgem a cada dia, seja na educação básica, média ou superior.

Ainda assim, nos deparamos com o seguinte problema: será que está havendo um bom desempenho e rentabilidade por parte dos alunos surdos quanto ao conteúdo ministrado? Há de fato a total aquisição do conhecimento fornecido pelo docente por parte dos alunos surdos? Ou os conteúdos acabam se tornando dissonantes com a realidade desses discentes?

A deficiência auditiva se mostra frequente na população, e estas pessoas também vêm ganhando seu espaço nas escolas públicas e nas universidades, inclusive. Muitas instituições educativas atualmente dispõem de recursos que aprimoram a inserção de alunos surdos, por meio de intérpretes, que traduzem o diálogo professor/aluno.

A dúvida consistente, então, em saber se realmente há um bom rendimento desses alunos quanto ao seu aprendizado; os conceitos e significados que se pretende repassar, tanto pelas barreiras epistemológicas quanto pela própria capacidade do docente em transmitir estes conceitos, sejam, por exemplo, por meio de práticas que não se encaixem na realidade dos alunos ou pelo próprio isolamento da pessoa surda. Além da teoria, deve-se ter o domínio da prática no ensino de Ciências. (CASTRO; CARVALHO, 2001; CARVALHO; PÉREZ, 1998),

O ensino das Ciências Biológicas nas escolas, muitas vezes, se mostra longe da realidade e vida diária de muitos alunos “normais” - que diremos então dos ditos “diferentes”? - quando abordados os conceitos aplicados às reações que ocorrem no corpo humano ou no interior de uma célula, por exemplo.

Para o aluno dito “especial” isso pode ser comprometedor à aprendizagem, já que muitas vezes o conteúdo é complexo, tornando a situação mais difícil se a maioria das

expressões utilizadas no tema da Biologia não possui sinais que as representem na LIBRAS, resultando assim na problemática já mencionada neste parágrafo. Um exemplo que pode ser citado é o tema “Fotossíntese”.

Biologicamente falando, diversos compostos são necessários para que esse processo ocorra no vegetal e, aos olhos do estudante (especial), entender esse processo pode se tornar mais complexo, seja pelos obstáculos epistemológicos ou pela própria inabilidade do docente em ministrar o conteúdo (GOMES;BASSO, 2014).

Para Gomes e Basso (2014), quando se pensa em Educação Inclusiva para as Ciências Biológicas, deve-se repensar estratégias e práticas educativas que atendam a esses alunos; contudo, é plausível também fazer uso da prática reflexiva.

Devido a uma série de fatores, os alunos surdos acabam sendo condicionados a superar a deficiência auditiva, forçando-os a serem “iguais” aos demais alunos, isso indubitavelmente leva-os ao fracasso escolar, pois não se respeita a diferença/ritmo de aprendizagem daqueles.

Cremos, portanto, que devem ser desenvolvidas formas de se repensar o ensino das Ciências Biológicas para alunos com deficiência auditiva, de modo que haja interação e resultados positivos na compreensão dos conteúdos, deixando o aluno surdo mais consciente do que foi transmitido.

Surgem, então, as seguintes perguntas: como ensinar conteúdos de Biologia de modo a favorecer a inclusão? Como ensinar Biologia a alunos surdos se não há sinais mais específicos no campo da Biologia, como por exemplo, “fotossíntese”, “estômatos” e “poro estomatar”?

Objetivo

Temos como objetivo geral trazer à tona a problemática que surge quando do ensino-aprendizagem de conteúdos de Biologia a alunos surdos quando estes estão em uma sala de aula inclusiva (ou não).

Como objetivos específicos, buscaremos conceituar o que é Libras traçando um paralelo entre a língua de sinais como um todo e a língua oral também como um todo. Também, buscaremos trazer possíveis soluções à problemática geral exposta no objetivo geral.

Metodologia

Após definir LIBRAS, e também, abordar o tema sobre a importância do ensino de biologia para o sujeito surdo, além do conceito de biologia em forma abrangente, agora

iremos partir para o entendimento do que vem a ser os classificadores e alguns aspectos importantes na utilização dos mesmos na compreensão de alguns assuntos de biologia.

Os classificadores são expressões da forma de um objeto, alguém ou alguma coisa. São representados em formas de configuração das mãos, que mostra ou descreve uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto. Para Felipe (2001), os classificadores são meios pelos quais, substituindo o nome do objeto ou sujeito, podem vir junto com o verbo para classificar os mesmos, estes, estando ligados à ação do verbo. Brito (1995), afirma que os classificadores funcionam como partes dos verbos de movimento ou localização. O classificador, então, é utilizado como sendo a referência, ou seja, uma representação do indivíduo ou de um objeto.

O classificador permite que o público surdo perceba o que está se falando, situações como atribuir qualidades: pequeno, com bolinhas, alto, duas meninas, dois carros; tudo isso são exemplos de classificadores.

Podem-se encontrar dez tipos de classificadores, mas nos basearemos apenas em 3 tipos para propor uma metodologia quando do ensino da Fotossíntese para alunos surdos e ouvintes.

O Classificador que específico, por exemplo, seria relacionado ao tamanho e a forma do corpo das plantas, descrevendo a forma, o tamanho, e a textura. Exemplo: o tamanho e textura das folhas, o tamanho da planta, o local onde ela está fixada. O Classificador de Elemento estaria sendo utilizado para retratar o movimento de substâncias nos vasos xilema e floema, além de mostrar como se dá esse transporte de nutrientes pelo corpo da planta, além do sistema de luz (energia), que permite o funcionamento da fotossíntese. O Classificador de Nome e Número seria útil para descrever, por exemplo, o número de folhas ocorrentes em determinada planta, fazendo com que, esta se mostrasse com número maior ou menos de folhas em relação a receber mais energia ou não no campo de espaço da folha para a fotossíntese da mesma, a planta. Tudo isso, de acordo com a posição, movimento e classificadores nas mãos.

Neste contexto, Goldfeld (1997, p.78) nos diz que “em relação à qualidade comunicativa e constituição do pensamento, as mãos (e todo o esquema corporal) podem executar com perfeição o mesmo papel que o sistema fonador, através das línguas de sinais”. Logo, destaca-se a importância desses classificadores para o ensino de biologia, principalmente no que demanda o enorme leque de assuntos a serem ensinados ao alunado surdo, além da difícil nomenclatura que trás o ensino desta ciência, que, necessita-se conceituar, classificar e exemplificar termos referentes aos demais assuntos da biologia.

No ramo da biologia, garantir o entendimento do público surdo acerca dos assuntos mais complexos, requer o trabalho aprofundado acerca desses classificadores, para explicar os genes, por exemplo, além do conhecimento prévio acerca da temática por meio de textos descritos em língua portuguesa, repassar a prática e o conceito de como se dá determinados processos de mutação, de fenótipos, genótipos, DNA e etc. Utilizar-se de classificadores para cada tema facilita a aprendizagem, mesmo que seja um pouco lenta, visto que, há conceitos de certas coisas que não se consegue passar.

Análise dos resultados

Por fim, verifica-se uma necessidade de melhorar na forma do ensino das ciências, melhores práticas de trabalho em relação à aprendizagem, em especial, na biologia para o sujeito surdo, que é o tema abordado neste artigo.

Vimos que uma das formas mais fáceis em abordar a temática da biologia é trazer a temática de tal assunto para a vida social dos indivíduos, tanto ouvintes quanto surdos. Mas ainda assim existe uma problemática que se estende na forma de passar o assunto, como facilitador tem-se os interpretes em sala de aula, o que ajuda e muito no passar de informações da aula e dos assuntos, mas é sempre bom e necessário que, na medida do possível, o professor também interaja com o alunado surdo, ou seja, um contato direto além da ajuda do interprete.

Adentramos na questão dos classificadores e sua importância na facilitação do entendimento do público surdo em sala de aula, além disso, dando ênfase na metodologia do professor, que deve se utilizar também, de materiais concretos e recursos visuais que instigam no melhor entendimento dos assuntos.

Conclusão

Pode-se conceituar Biologia como sendo, a grosso modo, o estudo da vida, o conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. O estudo de biologia, hodiernamente, já não se limita apenas ao estudo dos meios e mecanismos naturais, senão no estudo de fenômenos ocorrentes por todo o mundo e que direta ou indiretamente, estão interligados com nossas vidas.

O conhecimento sobre a biologia é, também, de suma importância no aprendizado por parte dos discentes (surdo), visto que, ao avanço da ciência e tecnologia tem dado saltos cada vez maiores e fenômenos de ordem natural vêm acontecendo com certa frequência. Assim, é necessário que os aprendizes (surdos) busquem informações sobre o que está acontecendo ao

seu redor e, além disso, quando o aluno busca o conhecimento, este se torna mais crítico facilitando sua compreensão de mundo. Pomos em relevo que, na maioria das vezes, o próprio professor não é capacitado para atender ao alunado surdo, em especial, mas essa é uma grande preocupação, não apenas na forma de ensino em sala de aula, senão também externa a ela, ocasionando uma falha no sistema de ensino, o que a faz carecer de uma reconceituação: o papel do professor como facilitador da aprendizagem do aluno surdo.

Por mais que o alunado surdo busque pesquisar os assuntos científicos e naturais que venham a ser discorridos em sala de aula, um dos problemas passíveis de surgir é a falha da compreensão leitora (os enunciados de uma questão, por exemplo), por parte do aluno surdo, haja vista a falta de um trabalho pedagógico que sane este problema. Outro problema possível de acontecer é a comunicação professor-aluno.

Nem sempre o assunto atrai a atenção do aluno e, este acaba por não se importar em buscar o conhecimento. É essa falta de interesse que dificulta não só na hora de tirar dúvidas em meio à aula, como também, na aprendizagem. Há necessidade da busca do conhecimento, pois a partir daí o conhecimento vai criando força e se tornando significativo. Aprender sobre os fenômenos que acontecem no mundo na atualidade é de suma importância. O conhecimento generalizado, não só sobre uma ciência é o que vai selecionar o indivíduo na vida, em sua própria realidade, levando para o meio mais prático, é o conhecimento significativo. Noutros termos, o aluno vai buscar aprender o que for significativo para ele e o professor mostrará ao aprendiz que determinada temática é importante e faz sentido na vida dele.

É mister o professor de biologia entender que, dominar a língua de sinais, sobretudo a brasileira, além de estabelecer a comunicação com o aluno “diferente”, haverá a atribuição do significado ou dos significados do conteúdo (FELTRINI, 2006). Agindo desta maneira o professor se torna o mediador do conhecimento científico e do conhecimento prévio do aluno quando ele valoriza o que o aluno já traz em sua vivência social. (TREVISAN, 2008).

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ciências naturais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1997.

CARVALHO, A. M. P. de; PÉREZ, G. **Formação de professores de ciências:** tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 1998.

CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

FELTRINI, G. M. **Aplicação de modelos qualitativos à educação científica de Surdos.** 2009. Dissertação (Pós- Graduação em Ensino de Ciências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012;

GOMES, P. C.; BASSO, S. P. S. **O ensino de biologia mediado por LIBRAS: perspectivas de licenciandos em Ciências Biológicas.** Trilhas pedagógicas, v.4, n4, P. 40-63, 2014.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês; GASPAR, Priscilla; NAKASATO, Ricardo. **Libras: conhecimentos além dos sinais.** Pearson. 2001.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.